

A TEOLOGIA NA PRÁTICA DE JOSÉ COMBLIN

da escuta à escrita

THE THEOLOGY IN JOSÉ COMBLIN'S PRACTICE

from listening to writing

*Lucy Terezinha Mariotti**

Resumo: A Igreja em saída reivindica discípulos missionários para ser coerente em meio aos desafios contemporâneos. Encontramos no teólogo Pe. José Comblin e em sua ação missionária uma metodologia que conseguiu de forma eloquente a articulação entre teologia e prática. A partir de uma análise bibliográfica e de testemunhos, o presente texto busca destacar o seu fazer teológico, considerando três dimensões: do missionário aberto a encontrar e conviver em novos espaços; atento aos “sinais dos tempos” que inspiraram práticas ousadas e na permanente escuta do Espírito que sopra onde quer e preferentemente em meio aos pobres. Seguindo este itinerário assumimos a hipótese de validar este como método teológico urgente na igreja em saída, missionária e profética como tem escrito e testemunhado Papa Francisco.

Palavras-chave: Escuta. Sinais dos tempos. Espírito. Pobres. Metodologia.

Abstract: The Church which goes forth calls for catholic missionary disciples in order to be coherent amidst contemporary challenges. We can find in theologian Fr. José Comblin and his missionary action, a methodology that eloquently achieved an articulation between theology and practice. Based on a bibliographic analysis and testimonials, this essay seeks to highlight Fr. Comblin's theological practice by taking three dimensions into consideration: the missionary who was willing to find and live in new spaces; his attentiveness to the “signs of times” that inspired bold actions; and his permanent listening to the Spirit that blows where it pleases, preferably among the poor. Following this route, we assume the hypothesis of validating this as an urgent theological method in the missionary and prophetic Church that goes forth, as it has been written and witnessed by Pope Francis.

Keywords: Hearing. Signs of times. Spirit. Poor. Methodology.



INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende encontrar o que embasou a Teologia e a ação missionária de Comblin por meio de alguns de seus escritos e depoimentos registrados por pessoas que o conheceram ou com ele conviveram. O padre belga deixou uma vasta obra para ser lida, degustada e analisada em centenas de entrevistas, 420 artigos e mais de 70 livros, além de cartas a amigos, ex-alunos, familiares, bispos, sacerdotes e missionários. O seu método do fazer teológico revela, em poucas amostras de seus escritos, um vestígio de um projeto de vida que antecede o método e que foi considerado pelos testemunhos. Revisitamos textos do autor do ano 74, após a experiência do Seminário rural enquanto era assessor de Dom Hélder Câmara, dos 80 quando retorna do Chile onde esteve exilado e textos dos anos 2000, dentre os seus últimos escritos. Para responder à questão adentramos em três direções, destacando o teólogo missionário de Jesus Cristo; a sua atenção aos “sinais dos tempos” e a vida no Espírito. Um *minimum* fundamental que permeia o seu jeito de ser e de fazer Teologia, aquilo que o tornou uma voz profética e incômoda, mas reconhecidamente necessária na Igreja, em especial na América Latina.

1 O TEÓLOGO MISSIONÁRIO

A Igreja pós Concílio Vaticano II, Povo de Deus, Igreja toda missionária, tem em Pe. José Comblin um de seus mais fervorosos defensores e animadores. Ao falar sobre a teologia da missão, Comblin¹ argumenta que a teologia parte da prática missionária que em um dado momento será explicitada, examinada criticamente e sintetizada em conceitos científicos. O autor entende a missão não como recrutamento de novos membros para a Igreja, uma atividade de grupos institucionalizados, que parte ou está em função da Igreja, mas como ação inspirada nos próprios atos de Jesus Cristo. “Jesus dirige-se aos que estão fora, fala para denunciar, anunciar, provocar, chamar à transformação de vida, libertar do passado, da sinagoga, do peso dos escribas e das tradições”². Não é, portanto, fazer proselitismo. Assim também vemos Papa Francisco exortar a sair, a tomar a iniciativa e chegar até os últimos:

Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

Sair é um verbo que caracterizou a vida de Comblin que era professor na Bélgica, mas optou por ser missionário no Brasil; chegou em Campinas (SP) em 30 de junho de 1958, onde atuou como professor; mas após três anos e meio mudou-se para o Chile e, em 1965 para Recife (PE), a convite de dom Hélder Câmara, de quem foi assessor. Escolheu o Nordeste como lugar para viver sua vida de teólogo missionário, onde priorizou a formação das lideranças da Igreja por acreditar que é delas que depende a sua renovação em igualmente renovados métodos de evangelização; elaborou subsídios e cursos direcionados a diferentes públicos com o intuito de que todos pudessem compreender o Evangelho.

Durante as férias, segundo a sua biógrafa Monica Maria Muggler, viajava por toda a América Latina para conhecer a realidade social, econômica, política, as culturas e seus

1 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.10-16.

2 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.2.

povos, o que o colocou em contato igualmente com diferentes experiências pastorais. “Desde o México até o Chile pôde testemunhar as buscas e os ensaios daquilo que daria fundamento a uma teologia especificamente latino-americana”³.

A disposição de encontrar o diferente, o novo, encontrar pessoas e desafios fazem parte do cotidiano de Comblin. Ele se inspira e realça a vinda de Jesus ao mundo; um mundo concreto, feito de pessoas. Cada pessoa é um lugar deste encontro: “Jesus Cristo veio para dirigir a palavra a Pedro, João, André, e a todos os Pedros, Joões, Antônio ou Severinos da história”⁴. Essa vinda ao mundo e o ir ao encontro de homens e mulheres significa penetrar não só no íntimo de cada pessoa, mas chegar às grades das estruturas sócio-econômico-culturais que se impõem escondendo e oprimindo as pessoas. Assim também, a Igreja é convocada a fazer essa viagem, a caminhar, a sair para encontrar; a correr o risco de não ser acolhida ou compreendida. E isso o nosso autor vivenciou. Foi expulso duas vezes: pela ditadura Pinochet no Chile e governo Médici no Brasil por sua perspicácia e lucidez na análise da realidade nos tempos em que rondava, na Igreja e nos governos antidemocráticos, o fantasma do comunismo. Também ele foi identificado como uma ameaça; mas, mesmo exilado, mantinha a comunicação com pessoas e grupos que participavam dos seus projetos de formação para lideranças e comunidades eclesiais de base.

Em um livro intitulado “O Enviado do Pai”, Comblin mostra a centralidade da missão no quarto Evangelho. Começa argumentando que o Evangelho de João quer dar uma resposta à pergunta: quem é Jesus? Mas “Jesus não diz quem ele é: diz donde vem e aonde vai”⁵. Jesus é aquele que vem, que foi enviado pelo Pai (cf Jo 7,28). É a própria mensagem do Pai e se identifica com a sua missão; “Ele existe na condição de missionário. Nele se revela justamente o modo de ser humano que é o ‘ser missionário’”⁶. Jesus não é em função de si mesmo, mas é enquanto comunicação, mediação que permite o encontro de Deus com o mundo. Quem conheceu Comblin pode afirmar: “Comblin fez de sua vida e de sua teologia um desdobramento dessa centralidade da missão”⁷.

Comblin argumenta que a missão não é acidental, mas é a razão de ser da Igreja: “a norma, o significado e o próprio conteúdo da missão dos cristãos é a própria missão de Jesus”⁸. Jesus, o enviado do Pai, entra no mundo das pessoas, enfrenta as estruturas que escravizam, encontra resistências. Assim como ele, a Igreja, comunidade dos seus discípulos, faz a mesma viagem que ele fez: do Pai para as pessoas, mesmo quando os caminhos se apresentam estreitos e árduos. Nesse movimento ela sai de seus limites e se integra numa cultura, o que não é fixar um discurso eclesialístico em comunidades fechadas em si mesmas. Seguir Jesus Cristo leva a Igreja a uma permanente flexibilidade; livre do passado, da dependência de culturas, povos ou circunstâncias que possam obstaculizar a ação no presente. “Já que a história da Igreja é essencialmente a história da missão, importa reconhecer os tempos da missão e a sua história com os seus sinais visíveis”⁹. Somente assim a Igreja poderá encontrar as palavras certas para traduzir as palavras dadas por Jesus a quais precisam ser constantemente reformuladas para chegar ao coração das pessoas.

Diante disso podemos dizer que o método de Comblin provém da contemplação e assimilação do jeito de Jesus falar e agir: “Vendo o que é Jesus, vemos também o que é o discípulo e o que é a Igreja”¹⁰. Por isso, mesmo, tem presente que a mensagem do

3 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.150.

4 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.21.

5 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.9.

6 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.11.

7 Paulo SUESS, *Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai*, p.77.

8 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.22.

9 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.73.

10 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.13.

Evangelho - conteúdo da missão da Igreja - não cabe em formulações fixas, em discursos estáveis que possam ser recitados em todos os lugares e tempos. Daí porque encontramos em seus escritos uma crítica à burocracia eclesial. Nosso autor adverte que é necessário falar de modo que as palavras sejam compreendidas, para tanto é imprescindível compreender o presente, ouvir as perguntas, perceber os desafios da realidade, enumerar as características que distinguem o nosso tempo dos tempos anteriores, ler os sinais dos tempos.

2 A LEITURA DOS SINAIS

As pessoas que conheceram Comblin e a leitura de seus escritos testemunham que ele era uma pessoa que prescrutava a realidade; ela era o chão a partir do qual contemplava a vida e a Palavra de Deus e de onde nasciam seus textos e seus projetos de formação, primeiro nas universidades, na formação do clero e, depois na formação dos leigos. “Quando chegou na América Latina, Comblin já se preocupava em elaborar uma teologia que levasse em conta as bases sociais e a realidade. Ele considerava a atenção às realidades terrestres como uma preparação a uma teologia da revolução”¹¹. *Théologie de la révolution: théorie*, é o título do seu livro editado na França no ano de 1974. Em outra obra, retomando a história da Igreja, argumenta que a teologia se tornou estéril quando se esqueceu dos pobres, constituindo-se um mundo à parte, com discussões apologéticas e inúteis. No entanto, o Evangelho é claro, Jesus privilegia os pobres; aos pequenos se revela (cf. Mt 11,25), porque eles estão abertos a receber a verdade e o esquecimento dos pobres constitui a ruína da Teologia¹². Se o critério de toda a evangelização, de toda a ação da Igreja é a libertação dos pobres, o mesmo vale para a teologia. A verdade liberta: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,31-32).

O problema, segundo Comblin, está ligado ao fato de que a teologia ainda inspirada na filosofia grega, segue um esquema medieval ao pretender conectar fórmulas racionais à verdade. “A teologia grega exalta o valor dos conceitos dos quais se afirma que descrevem a realidade. Na realidade, os conceitos somente descrevem ou representam algumas porções de realidade”¹³. No entanto, Jesus se apresenta aos seus discípulos como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6); a Verdade que se revelava no amor. A verdade não está no âmbito das ideias ou conceitos, mas significa o que existe e dá vida, é real. Portanto, seguir a Jesus é viver na verdade, na coragem da verdade, como Ele viveu. É preciso ter presente que o embate entre ele e os que o condenaram se inscreve no enfrentamento entre verdade e mentira. Jesus denuncia a mentira e as autoridades de Israel não acreditaram nele exatamente porque ele falava a verdade (cf. Jo 8,44-45)¹⁴.

Neste sentido concordamos com Edelcio Ottaviani que demonstra a aproximação de Comblin, embora por outras premissas, às pesquisas do filósofo francês Michel Foucault¹⁵. O dizer verdadeiro, a fala franca é o que Foucault chama de “*parresía*”¹⁶. O sujeito livre se apresenta aos olhos dos outros e a si próprio, pronunciando um discurso verdadeiro; assim se manifesta e assim é reconhecido. A verdade não é retórica porque respaldada pela existência bela que é articulação ou coerência entre as convicções mais profundas e as

11 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.71.

12 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.53-54.

13 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.5.

14 Lucy Terezinha MARIOTTI, *Ele se vestiu de pastor, mas o revestiram de imperador*, p.119-122.

15 Edelcio OTTAVIANI, *Busca da verdade versus ideologia no Acontecimento José Comblin*, p.71-74.

16 *Parresía* - do grego - coragem da verdade. Tema desenvolvido por Foucault, em suas aulas, no ano acadêmico 1983-1984 no Collège de France.

atitudes¹⁷ *Parressía* é a coragem da verdade, de assumir os riscos pelo dizer de forma franca e de aceitar a verdade por parte do interlocutor¹⁸.

Comblin, um dos expoentes da Teologia da Libertação, pautou sua vida na Palavra da Verdade, a Verdade que liberta e “considerava a vida cristã do povo de Deus, das comunidades populares e suas lutas de vida e morte, como o lugar primeiro de toda teologia cristã e teologia de libertação”¹⁹. Constatou que a Igreja estava quase ausente do meio popular e que havia um discurso do pobre, porém vazio. Acreditou que as comunidades devem ser formadas, conforme o estilo de vida e da cultura, com a sensibilidade própria dos pobres; comunidades nas quais eles se sentem “em casa”²⁰. Vivendo no meio dos pobres, ouvindo suas perguntas, Comblin vai lendo os sinais, os “sinais dos tempos” e a partir disso, empreendeu suas ações e na ótica do pobre escreveu suas reflexões em formato de cursos e livros.

Sinal dos tempos é um conceito encontrado em um único texto, no Evangelho de Mateus 16,3 e utilizado por João XXIII e pelo Concílio Vaticano II²¹. Em um de seus artigos com o título “Sinais dos tempos”, o Padre Comblin demonstra as variações do conceito e a atualidade da sua interpretação: o primeiro sentido, presente nos discursos daquele Papa, aparece como advertência, atenção; o sinal indica uma realidade não percebida, mas que exige resposta, o que implica em mudanças na Igreja “que poderiam estar relacionadas com as mudanças do mundo”²². O concílio entendeu que era necessário conviver com a modernidade.

A análise de Comblin destaca que João XXIII encontrou nos sinais indicações de novos rumos. “Todas as empresas, todas as instituições devem prestar atenção aos sinais de mudança que as obrigam a mudar os seus programas”²³. E retém este como o segundo sentido, pois o papa convocou a Igreja a olhar para o mundo com otimismo, valorizando o que existe de positivo na sociedade moderna. Seja por motivação evangélica ou por instinto de sobrevivência, a Igreja aceitou a modernidade como um sinal dos tempos. Comblin, neste contexto, observa que existe uma antiga e atual luta a superar entre o Espírito e a lei. Alguns pensam que para defender a Igreja é preciso condenar e aumentar o legalismo como muralhas de resistência, mas “João XXIII estava muito consciente do problema, apesar de não ser teólogo. Estava mais perto do povo e podia entender qual era o eixo do problema”²⁴.

Mas Comblin é propenso em concluir que o Papa aludia ao texto de Mateus, isto é, “que estamos nos tempos do advento do reino de Deus, reino de misericórdia e apelo universal [...] tempo para anunciar os sinais do reino de Deus”²⁵. O contexto, continua o nosso autor, é de conflito entre Jesus e as autoridades que não sabem reconhecer os sinais dos tempos, os tempos messiânicos. Fariseus e saduceus esperavam um Messias de acordo com um molde por eles desenhado. Jesus anuncia o Reino de Deus no qual não há espaço para templo, lei e um sistema religioso fechado, baseado em privilégios. Entendem a mensagem de Jesus, mas resistem em reconhecer os sinais. João XXIII anunciou novos tempos; o final de uma época e o início de outra.

17 M. FOUCAULT, *A coragem da Verdade* – O governo de si e dos outros II, p.3-4.

18 M. FOUCAULT, *A coragem da Verdade* – O governo de si e dos outros II, p.13.

19 Luiz Carlos SUSIN, *José Comblin, um mestre da libertação*, p.128.

20 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.57.

21 O tema foi igualmente desenvolvido por Clodovis Boff em “Sinais dos Tempos” – princípios e leituras. São Paulo: Loyola, 1979.

22 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.102.

23 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.105.

24 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.178.

25 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.107.

A análise de Comblin²⁶ aponta que no Concílio de modo geral e, em particular na *Gaudium et Spes*, os pobres não são reconhecidos como o são nos Evangelhos e em todo o Novo Testamento. Em seu lugar, estava a preocupação pela modernidade e predominou uma visão otimista e ideológica do mundo, confirmando o sistema estabelecido com exortações e, por esse motivo, é preciso esclarecer o que significa a “luz da fé”. Não significa aceitar pontuais verdades bíblicas, mas reconhecer o advento do Reino, “a marcha do povo de Deus nos nossos tempos”²⁷. Porque o Reino é movimento de libertação de todas as forças opressoras humanas e institucionais que submetem as pessoas por meio de mentiras, violência, engano. Jesus lutou durante toda a sua vida para libertar o povo da violência, da injustiça, da mentira. Ele não enfrenta um pecado misterioso escondido nas consciências individuais; mas luta contra a mais significativa das opressões que é a dominação religiosa; disfarçada e escondida é a mais perigosa de todas porque invoca a autoridade de Deus:

A luz da fé mostra a presença atual da mesma luta de Jesus em cada momento da história. Ela não mostra simplesmente situações. Ela mostra a marcha do reino de Deus frente a inimigos tão fortes. Os sinais são as lutas dos pobres, excluídos, dominados. Pois ali está Deus. Ali está Jesus e se trata de descobrir ou reconhecer essa presença no nosso mundo. As forças dominantes negam a dominação, escondem a realidade, fazem discursos bonitos para justificar e consolidar a sua dominação. Jesus vem tirar essas máscaras e manifestar a verdade do mundo²⁸.

A luz da fé é capaz de mostrar o que os meios de comunicação, os discursos dominantes e até a ciência escondem ou negam, assim afirmou o nosso autor. Os sinais dos tempos mostram o que está acontecendo e que está intencionalmente oculto, o que os privilegiados negam, mas que é visível para as vítimas. A luz da fé revela o que as pessoas querem esconder e não o que ignoram, porque o contrário de luz são as trevas e não o ignorar. A luz da fé “não dá a conhecer todos os mecanismos de funcionamento da sociedade, mas as motivações secretas que as estruturas querem esconder”²⁹. Os sinais dos tempos mostram onde estão os oprimidos e o que realmente importava para Jesus e, hoje, para seus discípulos: a libertação dos oprimidos. E é este o lugar, a partir do qual Comblin faz a leitura da realidade e do Evangelho. Neste sentido também afirma Papa Francisco que o anúncio do Evangelho e o testemunho cristão indubitavelmente passam pela transformação social em favor dos mais vulneráveis (cf. EG 180).

Pe. José Comblin³⁰ entende que os tempos têm seus sinais e que nem todos percebem, porque para estes a história é apenas continuação do passado. Os sinais dos tempos não são oportunidades de expansão ou crescimento quantitativo da Igreja, nem revelam em que a ela deve se adaptar. Sinais dos tempos da missão da Igreja são os passos dados ao encontro dos outros. “Esses passos são os lugares da manifestação de Jesus Cristo na luz do Espírito”³¹; é no outro que o discípulo missionário encontra o Cristo que pensava conhecer. Os sinais são oportunidades para que a Igreja possa “nascer de novo”, como Jesus propusera a Nicodemos (cf. Jo 3,7). As manifestações exteriores desta vocação são sinais dos tempos; é quando o Espírito convoca a Igreja a sair de si e enfrentar novos desafios, a viver tempos novos da manifestação de Jesus Cristo. Atento aos movimentos do Espírito, Comblin foi um teólogo missionário sensível aos “sinais dos tempos” e em sua prática pedagógico-pastoral ousou respostas corajosas.

26 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.112-114.

27 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.112.

28 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.114.

29 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.114.

30 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.72-78.

31 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.73.

3 A ESCUTA DO ESPÍRITO

As opções de Comblin deixam transparecer a liberdade de alguém que vive como Igreja e, por isso mesmo, mostra as tensões, seus pontos nevrálgicos enquanto intui e aponta alternativas nas quais inclui a si próprio e sua ação enquanto teólogo e missionário. Para ele, a teologia deve “falar” às pessoas; se não o fizer não é teologia: “a teologia é um ato reflexo, realizado depois das experiências e a partir delas”³². Portanto, a vivência, o que acontece no cotidiano das pessoas são os dados da teologia. Os resultados da investigação dos sinais dos tempos serão assim integrados na missão da Igreja – Povo de Deus.

Comblin sempre esteve atento à ocasião propícia (kairós) para colocar em prática o resultado de suas reflexões teológicas e não se poupou dos riscos que isso implicava. Desde o início do seu ministério, o vemos atento à voz do Espírito para não deixar escapar o momento favorável de transformar em práticas (tà prágmata) o que suas reflexões teológicas, amparadas pelos maiores pensadores da época, julgaram ser mais sensato³³.

A leitura de sua produção intelectual mostra embasamento bíblico teológico, nas ciências humanas e sociais e mais do que isso, deixa transparecer claramente a contemplação da ação do Espírito. A teologia do Espírito embasou suas análises críticas frente à instituição eclesial, às doutrinas, à realidade e à prática cristã. “A vida de José Comblin, sacerdote e teólogo, é um testemunho contundente da ação do Espírito Santo”³⁴. A teologia do Espírito foi um tema priorizado e percorrido por Comblin em cinco de seus livros. O primeiro: “O tempo da ação – ensaio sobre o Espírito e a história” já nos permite entender de onde provinha a sua aguçada crítica e suas corajosas e inovadoras ações.

O Espírito, escreve Comblin³⁵ é que está na origem de todas as nossas ações. E são elas que fazem a história. O próprio Espírito se faz conhecer ou compreender por aquilo que faz. Deus é ação e é este o conteúdo da mensagem cristã. “Só podemos compreender o alcance de nossa ação se a referirmos à sua origem: pois nossa ação é uma expressão de uma ação do próprio Deus [...]. A ação de Deus é aquela que a mensagem do Novo Testamento põe em relevo: é o Cristo e o Espírito”³⁶. E o Cristo hoje, age pelo Espírito que habita em nós e age em nós. Agir é entendido por Comblin como salvar-se das pressões, libertar-se das estruturas, recuperar a autonomia. Ação é o que muda o mundo e aquilo que fazemos para mudarmos a nós mesmos.

Nosso autor, destaca essa ação, dentre tantas de suas obras, também no livro “O povo de Deus”, enfatizando a quem Jesus privilegiou: os marginalizados como as mulheres, os pobres, os abandonados, os doentes, aqueles que o sistema religioso e político desprezavam. Nessa obra ele postula: “O povo de Deus é povo de pobres”³⁷. Foi a partir das conferências de Medellín e Puebla que a Igreja na América Latina “passou a defender mais nitidamente que os pobres ocupam o primeiro lugar no povo de Deus, que o povo de Deus se caracteriza pelo pobre e que a Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres”³⁸. E Comblin fez parte da construção desta Igreja com rosto latino americano, sendo um dos seus teólogos assessores. Para ele, a abertura da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, foi um sinal da presença do Espírito porque ela saiu de si mesma para se juntar à ação dos homens,

32 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.7.

33 Edécio OTTAVIANI, *José Comblin: um teólogo contemporâneo e parresiaista*, p.179-203.

34 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.19.

35 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.45-72.

36 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.46-47.

37 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.281.

38 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.238.

“conexa ao impulso do Deus que age, do Deus que é Espírito [...]. A Igreja não existe a não ser no Espírito e sob a movimentação do Espírito”³⁹.

Essas convicções tornaram-se vida em Comblin; em toda a sua trajetória leu a história da Igreja e escreveu a partir da ótica dos mais necessitados, conforme o Espírito de Jesus. Podemos dizer que era essa a base de seu projeto de vida que buscava realizar coerentemente. Em uma carta escrita em Talca, Chile, em 6 de agosto de 1973”, Comblin escreveu: “Procurarei viver o que eu mesmo ensino”⁴⁰.

Suas palavras faladas ou escritas, antes foram escutas de palavras ditas pela realidade. Atento às perguntas, ele sentava-se em círculos de intelectuais, agentes de pastoral, entre colegas de sacerdócio, religiosos e religiosas, leigos e leigas para trocar ideias, analisar a realidade, para discernir os sinais que apontariam ações novas; ensinava a contemplar a ação do Espírito em meio à “verdadeira Igreja, a Igreja dos pobres”⁴¹. Luiz Carlos Susin considera Comblin “um mestre da libertação”⁴² ao comparar o seu método à maiêutica socrática, dado que não só ouvia perguntas, mas fazia perguntas provocadoras; por meio da aporia – que cria o impasse, o paradoxo, impede a fixação do sentido - instigava a discernir, inquietava. Susin mostra a similitude do teólogo com pedagogo crítico Paulo Freire (filósofo e educador brasileiro) e Ivan Illich (filósofo e educador austríaco, crítico do sistema educacional).

Comblin acreditava no diálogo, na aprendizagem contínua, liberta de traçados prontos, na busca coletiva, na ação conjunta. Sua sensibilidade percebia as necessidades no campo e na cidade, na Igreja e na sociedade e suas respostas foram se diversificando em palavras compreensíveis a todos, tanto nas universidades quanto nas comunidades eclesiais de base, nos subsídios e cursos simples elaborados com a intenção de que a mensagem do Evangelho fosse acolhida e vivida sob o sopro do Espírito.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

A nossa abordagem apresentou um fragmento do que foi motivador na prática teológica de Comblin. Pudemos destacar, e retemos como atual para a Igreja de nossos dias, que o seu método provinha do próprio Evangelho, por meio do qual reconheceu e interpretou a realidade com suas demandas, suas possibilidades e limites; da escuta atenta das perguntas foi desenhando um caminho novo e coerente com o sentir e o agir de Jesus Cristo. A partir da escuta dos sinais, com os pés firmes na realidade conseguia compreender a voz do Espírito. O discernimento, feito sempre em grupo, afluía em iniciativas inéditas como escolas missionárias para leigos e religiosos e a formação, contextualizada no meio rural, para sacerdotes, tema que não aprofundamos, mas que vale a pena ser revisitado.

A centralidade da missão em sua vida, o fez formador de missionários. A vida dos pobres com suas alegrias, tristezas e sua mística esperançosa foi o universo a partir do qual nascia uma prática que tinha seu desfecho nos artigos e livros; um saber que dialogava com outros saberes e era partilhado nas assessorias, nas universidades e nas bases, seu ponto de partida.

O teólogo Comblin soube harmonizar erudição e simplicidade; testemunha do Espírito como força, movimento, sopro de vida e libertação, apostou numa Igreja missionária, em saída dos esquemas fixos, sem medo de dar voz e de acreditar no

39 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.15.

40 José COMBLIN, *Apud* Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.111.

41 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.238.

42 Luiz Carlos SUSIN, José Comblin, um mestre da libertação. In HOOMAERT, Eduardo (org). *Novos desafios para o cristianismo. A contribuição de José Comblin*, p.125-138.

protagonismo dos pobres. Comblin viveu em sintonia com a Igreja pós Vaticano II, contribuindo para que ela se redescobrisse em seu semblante latino-americano.

O mesmo Espírito continua inspirando discípulos missionários a perceber os indicadores de novas práticas que falem com a ação, a voz e a escrita uma mensagem inteligível. O Espírito de Jesus - Verdade que conduz à vida - desafia a Igreja hoje, em tempos de *fake news*, a gritar a verdade que liberta, que traz vida, que responda às perguntas feitas nas realidades mais gritantes, em todas as periferias: os lugares privilegiados de escuta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMBLIN, José. *O enviado do Pai*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*. Traduzido pelo autor por Celina Monteiro. Petrópolis: Vozes, 1982.
- COMBLIN, José. *Teologia da missão*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- COMBLIN, José. *O que é a verdade?* São Paulo: Paulus, 2005.
- COMBLIN, José. *Os sinais dos tempos*. Revista *Concilium* – Revista Internacional de Teologia 312, 4, 2005, p.101[525]-114 [538].
- COMBLIN, José. *O povo de Deus*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da Verdade – O governo de si e dos outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- MARIOTTI, Lucy Terezinha. *Ele se vestiu de Pastor, mas o revestiram de imperador: Representações de poder e resistência a partir da arte cristã na Antiguidade tardia*. Dissertação de mestrado. PUC-SP, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/23592>.
- MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.
- OTTAVIANI, Edelcio. *José Comblin: um teólogo contemporâneo e parresiasista*. Revista Estudos de Religião, v.29, n.1, jan-jun 2015, p.179-203.
- OTTAVIANI, Edelcio. *Busca da verdade versus ideologia no Acontecimento José Comblin*. Revista de Cultura Teológica. São Paulo. Ano XXVII. Nº Especial I Jornada José Comblin. Out/Nov 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/45265>. Acesso em 11-11-2020.
- SUESS, Paulo. *Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai*. Revista Paralellus, Recife, v.6, n.11, Especial José Comblin, 2015, p.75-80.
- SUSIN, Luiz Carlos. José Comblin, um mestre da libertação. In HOOMAERT, Eduardo (org). *Novos desafios para o cristianismo. A contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012, p.125-138.